

O SOL NASCERÁ MEIO SÉCULO DEPOIS: A POTÊNCIA DA POÉTICA DO SAMBISTA CARTOLA

Lucas Garcia
(Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

RESUMO: Após completar 50 anos do lançamento do primeiro disco do sambista Cartola, nota-se a potência de sua criação e a atemporalidade de sua obra, que permanece como um marco na música brasileira. Entendendo o samba como uma forma de expressão literária, este texto analisa duas canções de Cartola, “O sol nascerá” e “Quem me vê sorrindo” presentes em seu álbum de estreia, lançado em 1974. Nesses sambas, a alegria e a tristeza surgem como elementos centrais, caracterizando e enriquecendo a produção do compositor mangueirense.

Palavras-chave: samba; poesia; Cartola; música brasileira

Em 2024, o lançamento do primeiro disco do sambista Cartola (Angenor de Oliveira, 1908-1980) completou 50 anos, ocorrido em agosto de 1974, período em que o Brasil passava por uma ditadura militar. O *long play*, com doze sambas autorais do mangueirense e intitulado *Cartola*, é uma obra especial que marca a produção de um dos poetas mais importantes da cultura popular brasileira e do samba carioca.

Uma breve análise da produção poética do sambista revela sua capacidade de exercer um potente e sensível olhar sobre o que é vivenciado no espaço urbano, especialmente no morro, na periferia e nas franjas da cidade do Rio de Janeiro.

O samba urbano do Rio de Janeiro foi fortemente influenciado por outras manifestações culturais negras, como o jongo, a capoeira e o batuque, especialmente após a abolição da escravatura. No início do século XX, a cidade carioca vivenciou uma confluência de culturas, particularmente nas imediações da antiga Praça Onze e nos morros como Salgueiro, Favela, Mangueira e São Carlos. O samba, mais do que um gênero musical e uma dança, é, acima de tudo, uma expressão cultural afro-brasileira que, no Brasil, impulsionou a criação de espaços – tanto físicos quanto simbólicos – de busca, restauração e encontro. Esse processo se intensificou a partir da década de 1910, quando o samba ganhou força, sendo moldado pela população negra proveniente de diferentes regiões, como a Bahia, Minas Gerais, o interior do Estado do Rio de Janeiro, especialmente o Vale do Paraíba, e também da própria capital.

A biografia de Cartola é uma chave importante para compreender a rede de encontros que foi se formando na cidade do Rio de Janeiro. Sua família materna era do norte fluminense, de Campos, e no Rio, Cartola passou sua primeira infância no Catete e em Laranjeiras, na década de 1910. Foi nesse período que aprendeu a

tocar cavaquinho com seu pai Sebastião, aos 8 anos de idade, e já se envolvia nas organizações carnavalescas. Com a morte de seu avô, que trabalhava no Palácio do Catete, as dificuldades financeiras aumentaram, e a família se mudou para o Morro da Mangueira, onde Cartola ficou órfão de mãe. Foi nesse morro que encontrou grandes parceiros e amigos, aprendeu com os malandros da comunidade e aprendeu a se virar para sobreviver.

Nesse contexto, é possível considerar a hipótese de que o samba urbano representa uma forma de (re)existência. O samba carioca, interpretado por Cartola, uma influência dos malandros do bairro do Estácio de Sá (LOPES, 2008), surgiu como uma reação ao projeto colonial, que limitava o acesso e as condições de trabalho para os homens negros.

Com o tempo, o samba foi se consolidando, ganhando elementos urbanos e incorporando novos personagens e espaços. O lundu e o maxixe "abriram alas" para o que viria a ser abraçado pela indústria cultural. Entre os momentos decisivos estão os encontros nas casas das Tias Baianas, especialmente na casa de Tia Ciata (Assiata), que foram fundamentais para o fortalecimento do samba, com a presença de figuras como Donga, Sinhô, João da Baiana, Pixinguinha e Caninha. Foi no bairro vizinho à Praça Onze, no Estácio de Sá, que o samba ganhou nova forma, se vestiu de gala e se espalhou pela cidade, entrando nos teatros, nas rádios, nos estúdios de gravação e subindo o Morro da Mangueira.

A manifestação artística de Cartola, por meio do samba, convida a uma reflexão a respeito das belezas da vida, sem ignorar as desigualdades enfrentadas pela população marginalizada e racializada, que sofreu (e ainda sofre) inúmeras injustiças (NASCIMENTO, 2016) e restrição de acessos.

Pretende-se, com este texto, refletir brevemente sobre alguns aspectos literários dos sambas (MATOS, 1982) gravados por Cartola junto a um grupo de notáveis músicos¹, que participaram desse importante documento sonoro da música brasileira, popular, na década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro, com arranjos e regência de Horondino José da Silva, o Dino 7 cordas.

¹ Jayme Thomas Florêncio, o Meira (violão); Waldir Frederico Tramontano, o Canhoto (cavaquinho); Raul Machado de Barros (trombone); Nicolino Cópia, o Copinha (flauta); Gilberto D'Ávila (surdo e pandeiro); Nilton Delfino Marçal, o Marçal (cuica e caixa de fósforo); Roberto Bastos Pinheiro, o Luna (tamborim e agogô); Jorge José da Silva, o Jorginho do Pandeiro (pandeiro e caxixi); Wilson Canegal (ganzá e reco-reco); Joab Lopes Teixeira (coro)

Os sambas gravados no primeiro álbum de Cartola, na ordem apresentada no disco, foram, no lado A: “Disfarça e chora”; “Sim”; “Corra e olhe o céu”; “Acontece”; “Tive sim”; “O sol nascerá (A sorrir)” e, no lado B: “Alvorada”; “Festa da vinda”; “Quem me vê sorrindo”; “Amor proibido”; “Ordenes e farei” e “Alegria”.

No entanto, serão destacados aqui dois sambas de Cartola, pela força do texto e pelas características melódicas: “O sol nascerá” e “Quem me vê sorrindo”. Essa força diz respeito à necessidade de expressão e potência que a palavra toma na obra do sambista, assim como a melodia presente nas canções, na mesma canção aparece tanto a alegria quanto a tristeza.

A análise interpretativa é utilizada como método que possibilita, em um primeiro momento, isolar o texto para apontar aspectos literários presentes na letra dos sambas e, em seguida, refletir o contexto das letras e as características que marcam a obra do poeta. Uma vez que

As letras de sambas por muito tempo constituíram o principal, senão o único, documento verbal que as classes populares do Rio de Janeiro produziram autônoma e espontaneamente. Através delas, vários segmentos da população habitualmente relegados ao silêncio histórico impuseram sua linguagem e sua mensagem a ouvidos frequentemente cerrados à voz do povo. (MATOS, 1982, p. 22)

Atenta-se para a expressão dos sambistas, oriundos das camadas populares da cidade, observando a linguagem poética utilizada, que abrange as emoções, os sentimentos e a crítica. Isso ocorre pois a análise única e exclusiva da estrutura e do texto limita a potência do samba como expressão popular de resistência.

A dor, a tristeza, a melancolia e a alegria são temas recorrentes na obra de Cartola, e naturalmente estão presentes no primeiro disco do sambista em 1974. Isso nos leva a considerar que uma das grandes qualidades de Cartola é a sua capacidade de “cantar a tristeza sorrindo” (MATOS, 2018), de maneira afinada e aos 65 anos de idade com uma voz madura.

Sobre a produção de Cartola, gravada e lançada inicialmente no ano de 1974, é essencial pensar que o samba é, também, produção literária, ideia sustentada pelas pesquisas de Matos (1982) e Wisnik (2017). Além disso, o samba como expressão afro-brasileira é, sobretudo, uma manifestação de resistência (LOPES, 2008). Resistência a um sistema que impôs uma estética predominantemente branca, restrita e excludente, principalmente por meio das facetas do racismo (FANON, 2020).

Samba, literatura e poesia

O encontro entre poesia e música no samba é potente e complexo (MATOS, 2018), fortemente influenciado pela cultura oral presente nas manifestações e criações das décadas de 1910 e 1920, especialmente nas festas e reuniões das tias baianas da Cidade Nova, na região da Praça Onze.

O primeiro samba a ser analisado de Cartola é uma parceria com Elton Medeiros (1930-2019). Com estrutura textual simples e vigorosa melodia, a canção figura entre as mais conhecidas de Cartola, gravada pela primeira vez em 1964 na voz da cantora branca Nara Leão e foi incluída no primeiro disco do compositor, lançado em 1974.

A letra de “O Sol Nascerá” (A sorrir), conforme o encarte do disco (informação cedida generosamente pelo pesquisador e colecionador Paulo Mathias), apresenta uma estrutura simples, duas estrofes contendo quatro versos. Pode-se perceber a profundidade filosófica, marcada pela esperança e resiliência diante dos sofrimentos da vida.

Nos dois primeiros versos da primeira estrofe, que compõem o refrão, o narrador expressa a escolha da alegria, simbolizada pelo ato de sorrir. O refrão que inicia a canção é cantado duas vezes, em seguida a segunda estrofe, para então o refrão ser cantado novamente duas vezes. Essa repetição enfatiza a busca pela presença da alegria, já que “A sorrir eu pretendo levar a vida” é cantado no total de quatro vezes, marcando a necessidade de manter a alegria frente à melancolia.

Ainda antes de mencionar explicitamente a tristeza, na forma da ação em gerúndio do verbo chorar, é possível com uma escuta atenta destacar o sofrimento subjacente que o eu lírico já antecipa ao iniciar a canção com “sorrir” e “levar a vida”. Cartola, com uma voz afinada e madura, em seu canto, prolonga notas nas sílabas: 'A', 'rir', 'var', 'vi', 'ran', 'dade', reforçando a emoção e os sentimentos contidos nesses versos, conforme destacados abaixo

A sorrir
Eu pretendo levar a vida
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida

Após a introdução instrumental do samba, Cartola anuncia o tom melódico do samba. O prolongamento da nota na sílaba “A” após o solo de violão soa como um

lamento. No entanto, o refrão expressa a intenção de sorrir, em um interessante paradoxo sobre a alegria no samba (MATOS, 2018, p. 22).

Nos últimos dois versos do refrão da primeira estrofe, o narrador revela de onde vem a melancolia: ao ver “a mocidade perdida” ele chorou. Mesmo sem indicar a idade do narrador, o samba trata de uma questão geracional.

Fim da a tempestade
O sol nascerá
Fim da essa saudade
Hei de ter outro alguém para amar

A busca do eu lírico pela alegria, em contraste com a tristeza simbolizada pelo choro, se vincula a uma esperança mais evidente na segunda estrofe. A antítese entre “sorrir,” no infinitivo, e “chorando,” no gerúndio, enriquece o texto. A presença dos elementos naturais — “tempestade” e “sol” — na segunda estrofe também sinaliza um ciclo de mudanças, sugerindo uma renovação diária, enquanto a repetição do “eu” e do “fim” reforça essa dualidade.

A letra une, assim, o sofrimento do narrador ao ver a “mocidade perdida” e a esperança na renovação representada pelo sol que nasce diariamente, com uma mensagem de transformação e recomeço. A repetição do termo “fim” na segunda estrofe sugere que os sentimentos ruins passam e que a alegria renasce.

Além de “O sol nascerá”, o primeiro disco de Cartola inclui no lado B o samba-canção “Quem me vê sorrindo”, uma composição em parceria com Carlos Cachaca (1902-1999). Esse samba tem uma grande importância porque foi o primeiro registro documental da voz de Cartola, gravado em 1940, quando o compositor tinha 31 anos. A gravação foi realizada na Praça Mauá, para a Columbia, com acompanhamento de sambistas da Mangueira e coro das pastoras da escola. Cartola ganhou 1.500 réis para a gravação que só escutaria vinte anos depois de seu lançamento (MOURA, 1988).

A convite do maestro Villa-Lobos o samba de Cartola foi gravado para o projeto *Native Brazilian Music*, no navio Uruguay, ancorado na Baía de Guanabara. O projeto coordenado pelo maestro Leopold Stokowski teve a contribuição de vários cantores e artistas populares brasileiros. Além de Cartola, participaram: Pixinguinha, Luiz Americano, dos cantores Jararaca e Ratinho, João da Baiana, Neuma Gonçalves, Paulo da Portela, Zé da Zilda entre outros.

A análise que se propõe aqui visa lançar luz sobre a produção de um artista que, durante grande parte de sua vida, foi marginalizado com acesso restringido a diversos espaços. E é por isso que

Nas letras dos sambas (...) o que se diz é o que se vive, o que se faz. Não se entenda com isso que haja uma correspondência biunívoca entre o sentido do texto e as ações na vida real, mas que as palavras têm samba tradicional uma operacionalidade com relação ao mundo, seja na insinuação de uma filosofia da prática cotidiana, seja no comentário social, seja na exaltação de fatos imaginários, porém inteligíveis no universo do autor e do ouvinte. (SODRÉ, 1998, p. 45)

As letras dos sambas são produzidas a partir do morro e da margem. Elas surgem devido à força dos compositores sambistas, e isso está claramente presente na obra do compositor mangueirense. O samba “Quem me vê sorrindo”, relançado no disco de Cartola em 1974, ganhou um novo arranjo musical, mantendo a letra e o intérprete. Com o passar do tempo e os sofrimentos vividos, a voz de Cartola estava mais madura, conferindo ao samba uma nova densidade e expressividade.

Quem me vê sorrindo
Pensa que estou alegre
O meu sorriso é por consolação
Porque sei conter para ninguém ver
O pranto do meu coração

A letra do samba indica a melancolia e a tristeza do narrador. Da mesma forma que a canção “O sol nascerá”, “Quem me vê sorrindo” trabalha com a imagem do sorriso e da ação do verbo sorrir em contraponto ao pranto. O refrão é o anúncio de uma dor que o eu lírico carrega escondendo a tristeza, o disfarce da dor. Nota-se a presença de rimas a partir do terceiro verso com a ocorrência de “ão” e “er”. Essa última bem marcada na voz de Cartola, com o prolongamento da nota, o que gera um efeito passionalizante, da mesma maneira que a primeira nota do samba “O sol nascerá”.

O prolongamento em “conter” e “ver,” além de destacar a rima, realça a melancolia do narrador, lançando uma tensão (WISNIK, 2017) que é concluída quando o último verso da estrofe (refrão) é cantado, e é direcionada ao sofrimento do eu lírico com o “pranto do meu coração”.

O pranto que eu verti por este amor, talvez
Não compreendeste e se eu disser não crês
Depois de derramado, ainda soluçando
Tornei-me alegre, estou cantando

Na segunda estrofe, o pranto é explicado e justificado pela emoção narrada: o sentimento de amor não correspondido. A estrofe apresenta a solução para a dor e a

tristeza — o canto, que gera alegria e surge no gerúndio. Mesmo melancólico, o narrador tem plena consciência de onde encontra a solução para sua dor: na música e no canto.

Compreendi o erro de toda humanidade
Uns choram por prazer e outros com saudade
Jurei e a minha jura jamais eu quebrarei
Todo pranto esconderei

Na terceira e última estrofe da canção, há um panorama do universo habitado entre a tristeza e a alegria, na qual o eu lírico transita sem temer as dores, demonstrando consciência de suas emoções. A solução encontrada e apresentada está na última estrofe — “todo pranto esconderei” —, indicando que a solitária dor do amor não correspondido precisa ser encoberta.

A ideia é reforçada com a repetição da primeira estrofe, ou seja, do refrão, reafirmando o esconderijo da dor e do pranto: “Porque sei conter para ninguém ver / O pranto do meu coração”.

Assim, compreende-se que a solução para a dor de um amor não correspondido é o canto, e o sorriso que o eu lírico apresenta é, justamente, o disfarce de sua dor. Esse mesmo disfarce é o que abre o disco com o samba “Disfarça e chora,” em que o narrador aconselha uma figura feminina, demonstrando que o álbum, gravado e lançado em 1974, é um divisor de águas na música brasileira e no samba como gênero musical.

Conclusão

Mesmo que apresentada de maneira pontual, a produção poética de Cartola demonstra o olhar sensível do compositor mangueirense. O sambista foi capaz de revelar, em suas composições, uma perspectiva particular e potente de suas vivências de homem racializado e marginalizado, marcada pelo paradoxo da tristeza e da alegria, em que a alegria é uma solução e regeneração das dores.

Outra questão elementar é o registro do canto do compositor, o que reforça a autenticidade da narrativa. A voz madura e sofrida do compositor traz uma dimensão emocional única à sua obra, dando ao público a chance de sentir, diretamente, a transformação que ele vive ao “disfarçar” o sofrimento por meio da música. Dessa forma, nos leva a considerar que o canto e a performance de Cartola na gravação está diretamente ligado à sua vida (MOURA, 1988).

Nos dois sambas analisados são evidentes a alegria, a tristeza, o ato de sorrir, o amor e a saudade — sentimentos que compõem todo o universo melancólico característico do primeiro disco de Cartola. Esse sentimento de melancolia, que perpassa suas composições e sua obra, reflete também uma condição social e econômica. Entre os compositores de sua geração, Cartola foi o único a alcançar uma ascensão social e econômica além do reconhecimento artístico, embora isso tenha ocorrido tardiamente (SILVA, 2003).

A forte presença da melancolia dialoga com uma coletividade que Cartola experimentou no Morro de Mangueira e que é expressa em sua obra, o que nos permite entender a canção “Quem me vê sorrindo”, parceria com outro mangueirense -- Carlos Cachça -- em que ecoa a relação comunitária não somente do Morro, mas também do próprio samba, uma expressão de resistência da cultura afro brasileira (SODRÉ, 1998). Tal expressão serviu, dentre outras coisas, para extravasar a tristeza, a melancolia e as dores ao ter que enfrentar dificuldades em relação ao racismo e aos acessos a direitos básicos. Nesse sentido, o samba de Cartola atua tanto como testemunho pessoal quanto social.

As duas canções analisadas deste importante álbum da música popular brasileira — “O Sol Nascerá,” em parceria com Elton Medeiros, e “Quem me vê sorrindo,” com Carlos Cachça — reforçam a relevância desse disco. A primeira tornou-se uma das composições mais conhecidas de Cartola, enquanto a segunda marca o primeiro registro de sua voz em gravação, um feito que destaca a força do samba interpretado pelo próprio compositor.

A análise desses sambas permite concluir que Cartola manifestou uma sensibilidade excepcional, marcada pela dor e pela melancolia, mas também pela alegria como possibilidade. Essa complexidade evidencia a profundidade de sua arte e a condição de existência que ele expressou frente às adversidades impostas pela vida em uma sociedade racista.

Referências bibliográficas:

FANON, Frantz. **Pele negras, máscaras brancas**. São Paulo, Ubu Editora, 2020.

LOPES, Nei. **Partido alto**: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MATOS, Claudia Neiva. **Acertei no milhar**: samba e malandragem no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MATOS, Cláudia Neiva. Sofrer e sorrir e sambar - cantar: os sambas de Bide e Marçal. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v.1, n. 70, 2018, p. 21-43.

MOURA, Roberto. **Cartola**: todo tempo que eu viver. Rio de Janeiro: Corisco Edições, 1988.

NASCIMENTO. Abdias. **O genocídio do negro no Brasil**. São Paulo, Perspectivas, 2016.

CARTOLA; MEDEIROS, Elton. O sol nascerá. In: CARTOLA; **Cartola**. Discos Marcus Pereira, 1974. Disco sonoro, faixa 6, estéreo.

CARTOLA; CACHAÇA, Carlos. Quem me vê sorrindo. In: CARTOLA. **Cartola**. Discos Marcus Pereira, 1974. Disco sonoro, faixa 9, estéreo.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SILVA, Marília T. Barboza da. **Cartola**: os tempos idos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

WISNIK, José Miguel. **Letra de música é poesia?** Vídeo. Direção de João Roberto Torero e Ana Dip. Produção SescTV, 2017.